

CENTROS HISTÓRICOS, COMUNICAÇÃO E ARTE EM NATAL: AO CORAÇÃO DO OLHAR DESCE A CIDADE¹

Josimey Costa da SILVA²

Angela Maria ALMEIDA³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

A comunicação urbana implica a relação entre pessoas e objetos culturais. Os centros urbanos históricos originam expressões simbólicas e sintetizadoras das cidades, que são simultaneamente arcaicas, locais e universais, contemporâneas. As mídias da comunicação urbana são causa e efeito de modos de ser e de agir. Com foco em Natal-RN, investigam-se hábitos urbanos de consumo simbólico e marcas na paisagem na forma de posturas, gestos, olhares, edificações, eventos, suportes e linguagens da comunicação urbana e seus restos, que marcam as vias públicas. Assume-se a deambulação como método; a etnografia e a fotografia como registros do ambiente; a hermenêutica e a semiótica como possibilidade interpretativa dos símbolos que compõem a comunicação urbana. A investigação se dá por miradas afetivas com suporte teórico e o ensaio é a forma preferencial de relato.⁴

Palavras-chave: cidade; comunicação; arte; história; arquitetura.

Corpo do trabalho

Os sistemas, processos e produtos comunicacionais têm função ordenadora dentro das sociedades. Por meio deles, os símbolos regem as relações entre membros de um mesmo grupo com o estabelecimento de significados e valores compartilhados convencionalmente.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós-doutora em Comunicação e Cultura pela ECOPÓS/UFRJ; Doutora em Antropologia pela PUC-SP. docente e pesquisadora dos Programas de Pós-graduação em Estudos da Mídia e em Ciências Sociais, vinculada ao Departamento de Comunicação Social da UFRN; pesquisadora do Marginália - Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura.

³ Doutora em Ciências Sociais pela UFRN; graduada em Comunicação Social, docente e pesquisadora do Centro de Educação da UFRN; pesquisadora do Marginália - Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura.

⁴ Este texto apresenta reflexões decorrentes do projeto de pesquisa “A comunicação urbana nos centros históricos de Natal: expressões simbólicas e fluxos da cultura”, financiado pela UFRN a partir de 2012 e ainda em andamento.

Pesquisadores-colaboradores do plano de trabalho da temática específica deste artigo: Maurício Pereira Martins (especialista em Gestão e Empreendedorismo Social e- mestrando em Arquitetura) e Jefferson Bruno de Sousa Cabral (graduado em História e especializando em Cinema). Equipe da pesquisa: Profa. Dra. Josimey Costa da Silva (coordenadora); Profa. Dra. Angela Maria Almeida, Doutorando Thiago Tavares das Neves, Ms. Vanessa Paula Trigueiro, Ms. Alan Soares Bezerra, Mestrando Maurício Pereira Martins e Especializando Jefferson Bruno de Sousa Cabral; Graduada Patrícia de Souza Nunes, Graduandos Taiane Cristina, Medeiros Silva, Mariana Ceci França e Silva, Ágida Maria da Silva Cunha. e Tatiane Cristina Lourenço da Silva (bolsistas de Iniciação Científica).

Assim, são tecidas redes de sociabilidade. Estabelecer uma relação social ou cultural é criar um vínculo por meio da construção de um sentido comum, o que permite a elaboração e compreensão de textos culturais complexos. Em seu conjunto e articulados a comportamentos estabelecidos, valores generalizados, ideias socializadas, esses textos constituem a cultura de uma sociedade e se interpenetram como encadeamento de signos, ao qual se incorpora a temporalidade e as experiências espaciais. A percepção e introjeção intersubjetivas desse conjunto de elementos da cultura se dão de forma predominantemente estética.

Tendo em conta esses pressupostos, há que se compreender a comunicação midiática como sendo muito mais do que os aparatos tecnológicos ou o seu uso técnico; ela se converte em um espaço socioeconômico e cultural, uma dimensão da sociabilidade contemporânea, em que as relações entre os indivíduos se pautam por uma sensibilidade profundamente alterada pela mediação técnica, por um espaço que é simultaneamente reduzido (distância eliminadas no processo de comunicação) e ampliado (raio de abrangência do contato midiático com outras culturas geograficamente distantes) e por um tempo que é expandido tecnicamente. Essas alterações são simultaneamente individuais e coletivas, abstratas e materiais, conscientes e inconscientes, perceptíveis e naturalizadas na vivência cotidiana dos espaços urbanos.

Nos centros urbanos contemporâneos, história, cultura e arte se articulam espacialmente e resultam de processos comunicacionais. Os centros históricos de uma cidade são, habitualmente, espaços que carregam uma importância para a memória coletiva e a arquitetura urbana de uma cidade; são associados à origem da vida social de um grupo populacional em contínuo crescimento. A partir disso, os centros históricos são identificados e protegidos por políticas patrimoniais, materiais e imateriais, num duplo movimento de preservação e construção da memória de uma cidade.

Atualmente, em decorrência do processo de globalização e desenvolvimento urbano acelerado nas últimas décadas, os centros históricos têm sido ressignificados dentro de uma nova realidade urbana ambígua, pois, com o objetivo de salvaguardar uma identidade material local, são operados processos de gentrificação – exclusão social local – e padronização dos centros históricos em imagens globais ou museus para atrair turistas

(CANCLINI, 2008). Centros históricos, assim como outras categorias do espaço, são construídos e reconstruídos pelos homens em diferentes momentos da história. Cada espacialidade apresenta condições de produção motivadas pelos diversos grupos sociais e poderes institucionais em uma disputa não somente pela propriedade material, mas pela gestão prioritária das formas simbólicas e identitárias que marcam o domínio dessa espacialidade.

Para os efeitos desta pesquisa, os centros históricos de Natal/RN foram selecionados levando-se em conta a origem da cidade. Rocas, Ribeira e Cidade Alta são bairros que se apresentam como gênese privilegiada de investigação da produção histórica do espaço urbano, lugar das ações cotidianas não só da disputa por espacialidade e identidade de seus habitantes, mas também como *locus* de uma produção artística distribuída pelas superfícies de percepção e uso comum. Do mesmo modo, são lugares de comunicação urbana entre indivíduos e grupos sociais com imagens midiáticas comuns e imagens intersubjetivas diversas que configuram a paisagem cultural da capital.

Dentro dessa conjuntura, cabe refletir sobre o significado do espaço urbano histórico, ou seja, como lugar das ações de conservação e transformação da vida humana que se desenvolvem em períodos de tempo determinados, de curta ou longa duração. O que importa enfatizar é o espaço público, dotado de adensamento simbólico material e imaterial, palco improvisado e perene para diferentes níveis de visibilidade e experimentação artística, de registro, difusão e ressignificação propiciada por uma multitude de expressões midiáticas, por sua vez também objeto de disputa de significados pelos diferentes atores sociais urbanos.

Nessa perspectiva, os centros históricos de Natal são espaços sociais de vivências e expressões coletivas e individuais mediadas pelas mídias, com produção e consumo de bens simbólicos que conferem ao espaço geográfico peso simbólico histórico e, por isso, emblemático. Certeau (1994) sugere que é possível observar, na ação cotidiana e na experiência do homem comum na cidade, a existência de um processo de socialização e produção identitária que simultaneamente configuram acomodação e reação subversiva aos mecanismos disciplinares dos poderes e das instituições. As expressões de subjetividade, as elaborações artísticas, os fluxos e as sedimentações e culturais, disseminadas

mediaticamente ou não, mas, de toda forma, midiaticizadas (FAUSTO NETO, 2008; SODRÉ, 2002) ou não, configuram hábitos de consumo e produção de bens simbólicos (BOURDIEU, 2007). E sempre deixam vestígios no espaço e no tempo.

A partir de registros por diversos meios e de aproximações expressivas subjetivas, de natureza artística ou não, seria possível cartografar algumas das diferentes maneiras como isso ocorre, de forma a permitir uma compreensão do tecido e da experiência urbana em ambientes de significado histórico? Tais registros seriam, nesse caso, um mapa processual e um documento para leitura e interpretação do fenômeno urbano com o imaginário como dispositivo privilegiado (SILVA, 2008). Se esses registros decorrem de apropriações conceituais, mas também de sensibilidade estética e produção material imagética, teríamos, então, uma experiência investigativa na forma de narrativas por imagens e ensaios do pensamento, o que é a proposta desta etapa da pesquisa em curso.

Apropriação conceitual e experiência estética

Com base, principalmente, nas formulações de Simmel (1973/1903), Benjamin (1989), Morin (1998 e 1999), Hilmann (1993), Martín-Barbero (2006), Canevacci (2004 e 2008), Silva (2008), Appadurai (2004 e 2008) e Sarlo (2014), partimos dos seguintes pressupostos: a cidade é o fenômeno urbano e este forma paisagens materiais e afetivas; os cidadãos e as coisas estão imersos numa cultura urbano-midiática, que implica em predomínio do sentido da visão e da imagem e experimentação afetiva; a vida urbana cria uma comunicação e uma biografia específica para pessoas e coisas; os humanos urbanos são dotados de uma corporeidade caracterizadamente urbana; a cultura, a arquitetura, a arte, a comunicação urbana e a história são formas de registro, expressão, linguagens e documentos para se perceber o fenômeno urbano; para além da racionalização e economia da vida urbana, a percepção, o registro e a interpretação do fenômeno urbano são conduzidos preponderantemente pela mobilização dos afetos e expressões afetivo-estéticas.

Essa é a base conceitual para operacionalizar a proposição de Castillo (2008, p. 22) para as exposições artísticas, que se presta à compreensão de outras manifestações, as que se inscrevem no âmbito de uma prática de estetização cotidiana. Da mesma forma que para o fazer artístico, essas práticas permitem a aplicação de conceitos teóricos e interpretações

críticas que as integra numa totalidade de elaboração. Apesar de a natureza da atividade expositiva sistematizada demandar o mesmo raciocínio que impulsiona os fundamentos da teoria e da crítica da arte, ou seja, o embate direto diante da obra, a devida compreensão das exposições pressupõe também a conscientização sobre a questão espacial. Assim, inscrevendo-se na esfera da arquitetura, o entendimento das exposições implica relações espaço-temporais, surgindo, pois, não apenas da experimentação perceptiva e intelectual do sujeito fruidor diante da obra, mas de uma totalidade advinda do entrelaçamento dessa experimentação com o espaço por ambos habitado.

Também segundo Villaça (2001, p. 15), “há certos processos sociais nos quais o espaço e a sociedade estão de tal forma imbricados que é impossível entender as relações sociais sem uma visão espacial”. Compreendemos assim o fenômeno urbano, com a arte e a comunicação a ele associados, bem como a sensibilidade e a mobilização afetiva que lhes são decorrentes.

Contemporaneamente, a mídia da comunicação urbana, tanto quanto o espaço geográfico em seu uso e simbolismos, constitui um ambiente, um lugar ligado a modos de ser, de agir e de se expressar dentro da cidade, compondo o tecido da realidade social com imagens tanto produzidas por subjetividades diversas quanto expressivas delas. Essa é a condição de percepção, ação e expressão de todos os imersos na experiência urbana, sejam sujeitos de pesquisa, sejam pesquisadores em atuação. O resultado desse fluxo contínuo causa-efeito-causa é a formação de paisagens simbólicas e subjetividades que são emblematicamente representativas da cultura urbana.

O princípio da recursividade, basilar na epistemologia complexa (MORIN, 19) elucida como a sensibilidade, a percepção e os afetos (SIMMEL, 1973/1903; BENJAMIN, 1989; HILMANN, 1993). Os conceitos de etnopaisagem e mediapaisagem (APPADURAI, 2004), biografia de coisas-mercadorias (APPADURAI, 2008), comunicação urbana, polifonia, atratores visuais e *bodyscapes* (CANEVACCI, 2004 e 2008), ajudam a compreender a relação entre espaço, lugar, cidade, coisas, mídia e habitantes. A ideia de imaginários urbanos (SILVA, 20), de visão e narrativa da vida na cidade (SARLO, 2014), e a de cartografia (MARTÍN-BARBERO, 2006) suportam a seleção de temas e modos de registro

e interpretação sobre os bairros das Rocas, Ribeira e Cidade Alta como uma das possíveis representações de Natal e seus habitantes.

O pressuposto da investigação é a existência e as interrelações de uma cidade local e arcaica juntamente com uma cidade universal e contemporânea perceptíveis na comunicação urbana e nas expressões variadas dos que produzem e consomem seus bens simbólicos. Assim, adotamos uma abordagem complexa, plurimetodológica e transdisciplinar para a investigação, dada a complexidade do universo pesquisado e a multidimensionalidade do fenômeno urbano. Definimos amostragens aleatórias dentro do escopo conceitual e empírico já recortado pelo simbolismo emblemático nos centros históricos natalenses. Ainda, orientados pela noção de pesquisa qualitativa compreensiva e interpretação hermenêutico-semiótica, optamos por análises documentais, observações etnográficas das paisagens visuais, sonoras, humanas, midiáticas e culturais e pelos registros fotográfico, sonoro e escrito de lugares, coisas, atividades e pessoas.

Na cidade, o espaço aparece como acumulação desigual de tempos, assim como o tecido simbólico também o é. Em ambos, em razão de um sistema anterior deixar resíduos, há uma superposição de sistemas diferentes. Conforme Santos (2008, p.257-258),

“... o espaço se caracteriza, entre outras coisas, pela diferença de idade entre os elementos que o formam (...) se nos voltarmos para a realidade do espaço urbano, a situação se repete. As atividades, as casas, as ruas e avenidas, os bairros e tudo o mais não têm a mesma idade” (...) cada variável hoje presente na caracterização de um espaço aparece com uma data de instalação diferente, pelo simples dato de que não foi difundida ao mesmo tempo; (...) o lugar é, pois, o resultado de ações multilaterais que se realizam em tempos desiguais sobre cada um dos pontos da superfície terrestre (...) um sistema espacial é substituído por um outro que recria sua coerência interna, mesmo que cada variável isolada conheça uma velocidade de mudança própria. Assim, sincronia e assincronia não são de fato apostas, mas complementares no contexto espaço temporal”.

O *corpus* (os três bairros históricos e referenciais da cidade) será pesquisado a partir dos principais corredores de trânsito e de fluxo de pedestres e de atividades permanentes ou eventuais que ocorram em suas ruas. Esses momentos serão cartografados, conforme sugere Martín-Barbero (2006), de modo a considerar as mensagens da comunicação urbana e os principais hábitos de consumo e produção cultural de cada bairro, além da postura,

apresentação e expressão das pessoas em atividades nas ruas no momento da pesquisa. A tentativa é a de compreender expressões midiáticas e subjetivas que indiquem pertencimentos, desenraizamentos, fluxos e apropriações de imagens, valores e discursos locais e universais, arcaicos e contemporâneos globais.

A equipe de trabalho do projeto inclui estudantes de graduação e de pós-graduação, técnicos especializados e colaboradores externos. A sua formação multidisciplinar contribui para uma aproximação mais abrangente dos fenômenos em foco, permitindo o aporte de eixos conceituais complementares e uma etnografia mais rica em nuances. Dessa maneira, o estudo poderá contribuir com dados inteligíveis a diversas áreas, como Comunicação Social, Antropologia, Arquitetura, Geografia, Psicologia e História no sentido de ampliar a compreensão da sociedade contemporânea por meio de um olhar mais detido sobre Natal.

Para este artigo, seguimos os protocolos metodológicos estabelecidos a partir do aparato conceitual indicado. Iniciamos visitas de reconhecimento ao bairro de Cidade Alta⁵ e das Rocas⁶, portando câmeras fotográficas e com registros sonoros de escritos do observado. A observação da feira das Rocas é o foco empírico deste artigo. A Feira Livre das Rocas é uma feira criada na década de 1920 pelo prefeito Omar O'Grady. O bairro está localizado na Zona Leste do município de Natal e é habitado ainda hoje por pescadores, como era a formação inicial da sua população. É um dos mais antigos da cidade e está situado próximo ao cais do porto e ao mar. As atividades dos pescadores originais do bairro supostamente se deram no mar no Atol das Rocas e seria essa a razão do nome do bairro.⁷ Atualmente, o bairro encontra-se ocupado mais por mais de 11 mil residentes de baixo poder aquisitivo⁸ e empresas comerciais ligadas ao comércio marítimo e fluvial.

Uma parte dos registros feitos na observação é apresentada aqui e configura uma aproximação afetiva e estética dos habitantes do bairro e frequentadores em sua participação como vendedores, compradores ou visitantes da Feira das Rocas. O relato

⁵ Realizada em 18/03/2016. Participantes: Josimey Costa, Jefferson Cabral, Patrícia Nunes e Taiane Medeiros.

⁶ Realizada em 23/05/2016, segunda-feira, dia da feira livre na Rua Olavo Bilac, 65. Participantes: Josimey Costa, Angela Almeida, Jefferson Cabral, Taiane Medeiros, Patrícia Nunes e Águida Cunha.

⁷ Fonte dos dados: Wikipedia no endereço digital <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rocas> e Contos, Memória e História, disponível em <http://contosmemoriaehistoria.blogspot.com.es/2013/09/bairro-das-rocas.html>. Consultados em 28/06/2016. Também referenciados por HOMEM (1966).

⁸ Fonte: Rocas. *In*: Natal, meu bairro, minha cidade. Natal: SEMURB/Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, 2009. Disponível em <https://www.natal.rn.gov.br/semurb/paginas/File/Bairros/2009/Leste/Rocas.pdf>

escrito e o ensaio fotográfico que lhe corresponde estão apresentados na sequência. Os mesmos configuram uma experiência a um só tempo sensível e racionalizada, o que denominamos, no conjunto com os outros relatos e ensaios, de miradas afetivas com foco interpretativo. As miradas afetivas, para os interesses desta pesquisa, estão sendo realizadas como uma maneira não só de compreender cada bairro pesquisado e suas manifestações próprias, mas como tentativa de aproximação da própria alma da cidade (HILLMAN, 1993). No caso das Rocas, miramos uma atividade tradicional e peculiar do bairro por meio de suas representações captadas nas expressões de seus habitantes e traduzidas no impacto emocional que propiciam e na leitura de sua carga simbólica por parte do observador.

Mirada afetiva: interessa-me o olhar⁹

Entro na feira das Rocas com a mente obsessivamente carregada de algumas palavras de Didi-Huberman, quando escreveu: “o que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável, porém, é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha” (2010, p. 29). O coração bate a procura de algum momento em que eu possa vivenciar essa cisão ou comunhão citada pelo autor. Não sei o que vou encontrar. Volto às palavras dele quando realça a questão: “o ato de ver só se completa ao abrir-se em dois” (DIDIER-HUBERMAN, 2010, p. 29)

No dia anterior a esse momento, eu já havia preparado a câmara para construir determinada imagem. A lente escolhida me impediria de qualquer alcance à distância. Teria que estar muito próxima do objeto/gente, que possivelmente seria fotografado. Entre as intenções para estar ali, uma delas era a de registrar olhares como ato talvez de redobrar-me neles para tentar chegar perto de volumes dotados de frações de sentidos para compor as miradas de afetividade. Tinha, assim, várias questões para resolver, porém a mais inquietante era me aproximar do sentido que o ato de ver só se completaria ao abrir-se em dois.

Quando ele, Didi-Huberman (2010, p. 29), lança essa ideia, buscou-a na literatura, especificamente num trecho do livro *Ulisses*, de Joyce¹⁰, em que menciona a “inelutável modalidade do visível”. Essa questão, para Joyce, surge quase como uma travessia física e, sobre isso, é implacável. Joyce estava assim antecipando, colocando o dedo no que viria

⁹ Mirada afetiva por Angela Almeida.

¹⁰ JOYCE, James. Primeira publicação em 1922 em Paris.

mais tarde a ser toda a fenomenologia da percepção pensada por alguns filósofos¹¹. Para Didi-Huberman, toda forma a visão se choca com o inelutável volume dos corpos humanos. Ele cita o próprio Merleau-Ponty,

“a pensar que todo visível é talhado no tangível, todo ser tátil prometido de certo modo à visibilidade, e que há invasão, encavalgamento, não apenas entre o tocado e quem toca, mas também entre o tangível e o visível que está incrustado nele” (MERLEAU-PONTY *apud* DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 31).

Didi-Huberman complementa as palavras de Merleau-Ponty: “coisas a ver de longe e a tocar de perto, coisas que se quer ou não se pode acariciar. Obstáculos, mas também coisas de onde sair e onde reentrar” (2010-p 35), quase como se dissesse que devemos fechar os olhos para ver quando o ato de ver, em certo sentido, nos constitui.

De toda forma, eu ainda continuava com algumas dúvidas e ansiosa à procura de experimentar e registrar ações, expressões, próximas dos sentidos descritos pelo autor. Nesse momento, passou um senhor caminhando vagorosamente entre as pedras desalinhadas da estreita passagem da feira. Oferecia seus serviços de carregador. Nos pés, uma sandália já bastante gasta. Os dedos dos pés eram como se nunca tivesse sido realmente limpos, com acúmulo de poeira do tempo, que já se incrustava neles como segunda pele. As calças também eram envelhecidas e puídas. No rosto, marcas de palavras talvez nunca ditas, porém, o olhar vivo parecia guardar esperanças de um dia tudo se transformaria. Talvez tanto que até não precisaria mais carregar compras na feira. De repente, ele agachou-se e apanhou uma *piúba*, um resto de cigarro no chão. Olhou ao redor e rapidamente a pôs no bolso da calça e continuou com a impressão que não foi visto por ninguém. Estava tão próxima que ele me ofereceu seus serviços de carregar as minhas prováveis compras. Porém, naquele momento minhas compras eram subjetivas, passavam por compartilhamento e registros de expressões. Ao disparar a câmara tão próxima de seu rosto, não o fez em momento algum recuar ou estranhar, me enfrentou calmamente. Agora eu deveria seguir em frente.

¹¹ Como é o caso de Merleau-Ponty e sua obra *Fenomenologia da percepção*, publicada originalmente em 1933.

Caminho alguns passos e observo uma senhora em sua barraca de frutas, que estava arrumando, tentando fazer uma espécie de pirâmide. Quando criança, provavelmente, ela gostava de brincar de arrumar as casinhas de suas bonecas. Depois de adulta, de arrumar a sua casa. Pois, ali, organizava suas frutas com muito zelo, com prazer, parecia buscar aquele tempo já ido. Quando um cliente passava e mexia em uma das frutas empilhadas, tirando-a do lugar e se afastava, ela voltava a colocar aquela fruta no mesmo lugar. E isso ia se repetindo. Talvez a paciência e insistência fossem o seu dom.

Volto a minha obsessão da cisão do olhar, do abrir-se em dois. Desconfio que a experiência nem sempre é completamente consciente. Já havia feito várias fotos, mas, mesmo mergulhada em minhas intenções, não tinha certeza daquele momento. Pensava vagamente, talvez mesmo aqueles registros, o vivenciar deles, não fossem suficientes. Mesmo a simples fotografia dessas experiências podia não dizer o que eu estava procurando descobrir.

Entretanto, o desejo mesmo era de que os olhares dos retratados atravessassem os meus e, conseqüentemente, dos futuros espectadores, como diria Didi-Huberman, incrustados de experiências que não podemos tocar: “assim, abramos os olhos para experimentar o que não vemos” (2010, p.34).

Esbarrei noutra cena: mesmo já estando tão acostumado com aquele trabalho, o seu corpo, já envelhecido, pedia descanso. No claro do dia, no movimento da feira, o cochilo insistia em permanecer. Porém, ele deve pensar, não podia entregar-se, precisava vender, cuidar de sua mercadoria. Despertou de repente, arregalou os olhos e observou ao seu redor, achou que ninguém viu. O cochilo se repetiu, agora sua mão direita repousando na mesa para sustentar o corpo em pé, apesar de o cochilo dominá-lo. Um cliente se aproximou, ele despertou de novo, agora precisava atendê-lo.

Agora, eu já estava imersa naquele movimento contínuo, pessoas passando, cestas de frutas, peixes, carnes, cheiro de suor, em alguns pontos até havia esgoto a céu aberto. A luz suave da manhã clareava os rostos, realçava as cores das frutas expostas, como um amontoado de cajus, entre abacaxis e laranjas. Um gato passou e esfregou o seu rabo nas minhas pernas. Uma criança tentava alcançá-lo. Ouvi o som de uma música que vinha do outro lado da rua: o vendedor aumentava o som de seu carrinho de venda de cd's. Nas alturas, a música de

Altemar Dutra, “sentimental eu sou / Eu sou demais / Eu sei que sou assim / Porque assim ela me faz...”¹². As pessoas passavam. Ele não oferecia seu produto, só olhava atentamente para aqueles que ali passavam. Quase um a um. Conhecia aquele lugar desde menino. Aquela música também já a tinha ouvido inúmeras vezes, lembrava até o seu tempo quando era jovem e a música fora lançada. Talvez soubesse a letra de cor. Porém não cantava, permanecia calado, observando o movimento da rua. Talvez aquele som alto seria apenas um disfarce para acobertar a sensação de solidão que ele experimentava. Parecia que nada vendia. Procurei o olhar dele na lentidão dos meus passos ao seu encontro. Por segundos, nos encontramos. O clique foi dado. Fiz as fotos.

Mesmo consciente da velocidade e do deslocamento das experiências urbanas, essa busca calma e vagarosa foi como refreando a voracidade tão comum da captação das imagens que eu costumava sentir. De certa forma, me parecia que o anjo Cassiel, aquele que acompanha um homem velho que sai de uma biblioteca no filme *Asas do Desejo*, de Wim Wenders¹³, estava por ali, na feira das Rocas, em meio daquele barulho natural da feira, escutando os pensamentos de alguns e assoprando ventos nos meus ouvidos com fragmentos de histórias que não eram contadas diretamente a mim. Entretanto, o anjo Cassiel não ficou muito tempo por ali, mudou de local. Talvez tivesse ido observar o fluxo do centro de qualquer outra cidade. Atravessei a feira. Precisei, como o anjo, também mudar de lugar.

Nesse ínterim, fui surpreendida por uma figura magra, desengonçada, que veio ao meu encontro e me perguntou o que estou procurando ali. Após a minha resposta, ela abriu um sorriso e descreveu seu sonho desde criança, o de ser uma professora. Brincava de faz-de-conta de professora, até sua mãe se transformava em sua aluna. Quando ela se afastou, observei, exibia um andar espigado, o cabelo escorrido... Tinha uma voz doce, apenas o destino não lhe deu seus sonhos por realizados.

Usando um artifício qualquer de passagem do tempo, encontrei-me no centro antigo da cidade.¹⁴ Observando o fluxo de pessoas, lembrei-me da feira, que lembra espaços de aglomerações. Porém, não estamos mais em espaços de interações apenas sociais, entre homens *versus* homens fisicamente. Em qualquer um deles, hoje se instalou o que o autor

¹² Composição de Evaldo Gouveia e Jair Amorim (1964).

¹³ Alemanha, 1978.

¹⁴ Bairro da Cidade Alta.

Massimo di Felice (2009, p. 20) descreve como metas-territorialidades midiáticas das imagens eletrônicas, com a pluralização do território gerada pelas mídias, o que modifica o significado do espaço único e das práticas habitativas.

Atualmente, grande parte das pessoas que frequentam tanto as feiras como os centros das cidades carregam seu aparelho celular, que lhes possibilitam comunicar-se por meio de tecnologias midiáticas. Isso ocorre mesmo que, nesses espaços, possamos vivenciar fragmentos de ações que lembrem simbolicamente os rastros da descrição que Massimo Di Felice (2009) faz das cidades medievais, quando se refere ao caminhar dos moradores das antigas *polis*, onde havia o exercício de conversar se deslocando pelas ruas em pequenos grupos, protegidos pelos muros da cidade. A troca de informações se dava nesse caminhar, sem pressa. Ou até mesmo, mais adiante do tempo, a figura do *flâneur* (morador das metrópoles industriais europeias) descrito Walter Benjamin (1989), como aquele que caminha solitariamente pela cidade, observando-a. Agora, o homem experimenta a cidade pelas mídias, como argumenta Di Felice: (2009, p 21)

“Se a escrita cria as representações de um espaço e de um território imateriais, reduzidos a palavras e textos, a eletricidade e as mídias audiovisuais, além de desenvolverem ao ambiente o movimento e as cores, contribuem para a formação de uma territorialidade externa, mecanicamente móvel, que se apresenta como autônoma em relação ao sujeito”.

Uma vez que os sujeitos reproduzem digitalmente os espaços, transformando-os em informação pelas redes, multiplicam e modificam também as práticas de interação com o ambiente. Assim, “viver o nosso tempo significa mudar, ‘devir outro’, ‘ir além’, ‘transitar’, ‘deixar’, ‘sair’, mas no sentido diferente do significado histórico da viagem e do viajar”. (...) Na época contemporânea, não se parte nem se retorna. O mar é em qualquer lugar. Dentro e fora de nós. Nós somos mar” (Di Felice, 2009, p.24). Assim, podemos ser a cidade que sonhamos. A cidade que está fora e dentro de nós.

Quando observo as fotografias que produzo da cidade de Natal, vejo que elas brotam mais no desassossego do olhar, da sujeira dos asfaltos, dos prédios velhos em silêncio, das encruzilhadas desavisadas, dos becos sem saídas, dos homens que livremente nela habitam, dos abandonos, dos lugares sem dono, das coisas que resistem. Mais ao mesmo tempo, as coisas que perdemos também, no sentido de como escreveu um dia a poeta americana

Elizabeth Bishop: “... A arte de perder não é nenhum mistério / Perdi duas cidades lindas / E um império Que era meu, / dois rios, e mais um continente. / Tenho saudade deles. / Mas não é nada sério”.¹⁵

Perdi o anjo Cassiel, não mais ouvi histórias que não eram minhas, porém, como diria a poeta, não é nada sério.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural / Arjun Appadurai; Tradução de Agatha Bacelar. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

APPADURAI, Arjun. Dimensões culturais da globalização. Lisboa: Teorema, 2004.

AUMONT, Jacques. A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico. – 2a ed. – Campinas/SP: Papyrus, 1995.

BAUER, Martin; GASKELL, George. (org.). Pesquisa qualitativa com textos, imagem e som: um manual prático. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Martins Barbosa e Hermerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v.3)

BERGER, John. Modos de ver. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Estudos)

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, Néstor G. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. 4a ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1999.

CANCLINI, Néstor G. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CANEVACCI, Massimo. A cidade polifônica – ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CANEVACCI, Massimo. Fetichismos visuais – corpo erópticos e metrópole comunicacional. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

CERTEAU, Michel de. A Cultura no plural. São Paulo: Papyrus, 1995.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

¹⁵ Disponível em <http://www.entreculturas.com.br/2011/02/elisabeth-bishop-a-arte-de-perder/>

- DI FELICE, Massimo- Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. / Massimo Di Felice.- São Paulo. Annablume, 2009.
- DIDI- HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. Prefácio de Stéphane Huchet; tradução de Paulo Neves.- São Paulo: Editora 34, 2010 (2ª edição).
- FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma “analítica” da midiatização. Revista Matrizes, vol. 1, n. 2, 2008. São Paulo: USP, (p. 89-105). Disponível em:
<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/viewFile/88/136>
- FOUCAULT, Michel – O corpo utópico: As heterotopias / Michel Foucault; posfácio de Daniel Defert; [tradução Selma Tannus Muchail]. – São Paulo: n1 Edições, 2013.
- HILLMAN, James. Cidade e Alma. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- HOMEM, Homero. Cabra das Rocas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. Ofício de cartógrafo. Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura.” Revista de Literaturas Populares VI-1 (2006): 211-217
- MERLEAU-PONTY, Maurice. O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne / Maurice Merleau-Ponty; tradução Paulo Neves e Maria Emantina Galvão Gomes Pereira; prefácio Cláudio Lefort; posfácio Alberto Tassinari, - São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- MORIN, Edgar. O método 3: o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- MORIN, Edgar. O método 4: as idéias, Habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 16. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2008.
- SARLO, Beatriz- A cidade vista: mercadorias e cultura urbana / Beatriz Sarlo, 1,ed.- São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- SCHAEFFER, Jean-Marie. A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico. Campinas/SP: Papyrus, 1996.
- SILVA, Armando. Los imaginarios nos habitan. Quito: Olacchi; Municipio Metropolitano de Quito, 2008 (Colección Textos Urbanos).
- SIMMEL, Georg. 1973 [1903]. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

SLOTERDIJK, Peter. Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo / Peter Sloterdijk; tradução de José Oscar de Almeida Marques. – São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

SÓDRE, Muniz. Antropológica do espelho – uma teoria da comunicação linear em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.